

FORMAS DE LAZER E ENTRETENIMENTO NA MODERNIDADE: TEATROS

MARIANA DE OLIVEIRA DO COUTO E SILVA¹; CLARISSA DA SILVA LAZZARI²;
CARLOS ALBERTO ÁVILA SANTOS³

¹Universidade Federal de Pelotas – marianacoutoesilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clarissalazzari@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – betosant@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Tanto as peças teatrais, como os edifícios para as apresentações das tragédias e comédias, tiveram sua origem na Grécia entre os séculos VI e IV a.C. O teatro surgiu dos rituais em homenagem a Dionísio, deus do vinho, introduzidos na cidade-estado de Atenas (COSTA DIAS, 2012). A atividade teatral se tornou uma das principais formas de lazer e entretenimento na época. Não apenas para os antigos gregos, mas também para a sociedade que surgiria dezenas de séculos depois: a sociedade moderna. A modernidade, de acordo com Baudelaire (1863), é o transitório, o fugidio, o contingente; é a metade da arte, sendo a outra, o eterno e o imutável. A palavra foi empregada pelo teórico francês para definir o pensamento da sociedade pós-industrial, relacionado com a vida mundana das populações urbanas da *belle époque*.

O objetivo deste trabalho, recentemente iniciado como pesquisa de iniciação científica, é discorrer sobre o papel dos edifícios teatrais na sociedade moderna, traçando as peculiaridades mais importantes do ponto de vista arquitetônico, além de apresentar as características que definiram o teatro como uma das principais formas de lazer e entretenimento da modernidade. Nossa proposta é fazer um paralelo entre as principais casas de espetáculos de Paris, do Rio de Janeiro e de Pelotas. Paris, por ser a capital intelectual e artística da modernidade, o Rio de Janeiro e Pelotas, por serem núcleos urbanos brasileiros que tinham a “cidade luz” como principal inspiração arquitetônica e cultural.

A modernidade surgiu com a consolidação da sociedade capitalista e burguesa do século XVIII. Com o impacto dos novos recursos de comunicação e das transformações sociais (HARVEY, 1989), os teatros adquiriram sua importância como marcos do novo tipo de diversão e de sociabilidades das populações urbanas (ORTIZ, 1991). O conhecimento sobre essas casas de espetáculos é essencial para a preservação do patrimônio histórico da época, para entender a evolução cultural e artística da sociedade.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos, cujas temáticas enfocaram a modernidade e os prédios teatrais. O livro “Cultura e Modernidade” e o “Almanaque do Bicentenário de Pelotas”, foram as principais fontes que embasaram a investigação inicial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começamos nossa pesquisa por Paris. Afinal, durante o período estudado, que remete aos anos finais do século XIX e às décadas iniciais do XX, como capital cultural do mundo a cidade ditava modas para outras metrópoles

européias e para os núcleos urbanos do Novo Mundo. Segundo Schwartz (2004), não havia quem apreciasse – tanto os divertimentos e as distrações – como os parisienses do final do século XIX, a maior parte deles parecia absorvida na busca do prazer, transformando a capital francesa na florescente indústria do entretenimento. A página virtual do cabaré *Moulin Rouge* registra aspectos da modernidade em Paris, como um contexto propício para a criação artística, devido ao progresso industrial, à profusão cultural e à quebra com a rígida postura da sociedade anterior à industrialização, que propiciaram o surgimento dessas casas noturnas na cidade.

Na mesma época, o edifício eclético da Ópera Nacional de Paris – também chamada de *Opera Charles Garnier e Palais Garnier*, aludindo ao arquiteto que construiu o prédio e deu nome à casa de espetáculos – foi inaugurada no ano de 1874 e tornou-se o epicentro cultural da capital francesa. Conforme figura 1, nenhuma árvore foi plantada na avenida que dá acesso ao grande teatro, para os passantes apreciarem, sem interrupções, a bela fachada do edifício. Napoleão III mandou construir o prédio. Porém, morreu dois anos antes das obras serem finalizadas, nunca vendo a Ópera que havia comissionado em funcionamento.

Figura 1 – Fachada da Ópera Charles Garnier, Paris, 1874.



Fonte: Conexão Paris¹

Alguns pesquisadores têm uma visão negativa da sociedade parisiense moderna. Menezes (2010) registrou em seu artigo, que a cidade de Paris era a capital da utilidade fútil, e que os espaços de entretenimento eram banalizados, nos quais o público e o privado se mesclavam, pois procuravam reproduzir a casa privada para os ricos se sentirem em seus lares, e os pobres assistirem, como se tudo fosse um espetáculo. Ortiz (1991) vinculou as novas concepções de lazer da modernidade com a diminuição da jornada de trabalho, e com a reorganização da sociedade. O autor relacionou também as novas formas de manifestação cultural, como os teatros¹ e os cabarés, com a coletividade das instituições rurais, que reproduziam a propriedade comum – como as terras e os fornos para pães – e as reuniões periódicas determinadas pelas festas públicas e pelas assembléias nas cidades modernas.

No Rio de Janeiro, a sociedade carioca e as administrações da cidade aspiravam transformar a então capital federal em um grande centro, nos moldes

¹ Disponível em: <<http://www.conexaoParis.com.br/>> Acesso em jul. 2014

de Paris (GUIMARÃES, 2009). Com essa intenção foi erguido o Teatro Municipal, inspirado na Ópera Garnier. O prédio edificado mesclou os dois projetos vencedores de concurso público realizado, criados por Francisco de Oliveira Passos e pelo francês Albert Guibert (ERMAKOFF, 2010). Inaugurado em 1909, o teatro é considerado um dos mais belos monumentos arquitetônicos do país, e um dos maiores exemplos da arquitetura eclética brasileira. Na virada do século, surgiu em uma atmosfera de busca por modernidade, e trouxe consigo a missão de desenvolver e solidificar a cultura do país (GUIMARÃES, 2009).

Em Pelotas, no século XIX, devido ao progresso econômico derivado das charqueadas, a cidade passou por um processo de enriquecimento cultural, tornando a localidade numa “perfeita ambientação cênica para o fazer teatral” (PRATES, 2014). Já em 1833, foi inaugurado o Theatro Sete de Abril, que recebeu esse nome como forma de homenagear o dia em que D. Pedro I abdicou em favor de seu filho (PRATES, 2014). Projetado pelo alemão Eduardo von Kretschmar e construído por José Vieira Viana, o prédio se tornou palco para as apresentações de companhias teatrais brasileiras e estrangeiras. Na época, o edifício não possuía as linhas *art déco* atuais, conforme a figura 2, resultantes de uma reforma ocorrida em 1916.

Figura 2 – Fachada do Theatro Sete de Abril



Fonte: Prefeitura de Pelotas²

No final do século XIX e início do XX, vários espaços teatrais foram abertos em Pelotas, como: o Cine teatro Coliseu, o Cine teatro Politeama, o Teatro Talia e o Teatro Dante Alighieri (PRATES, 2014). Nessa época, o cenário artístico ocidental era dirigido pelas escolas de vanguarda, que por sua vez eram guiadas pelo Modernismo. A opulência artística vivida na cidade fez com que seus moradores investissem cada vez mais em cultura, procurando se modernizar e alcançar os padrões europeus. Em 1921 foi erguido o Theatro Guarany, que homenageou os cinquenta anos da estréia da ópera de Carlos Gomes no Teatro *Alla Scala* de Milão, em 1920 (SANTOS, 2007).

Peculiar à estética arquitetônica eclética, o Theatro Guarany foi inaugurado devido a um fato ocorrido com o coronel Rosauro Zambrano. Segundo a página oficial do Guarany, o coronel era apaixonado por óperas e sempre reservava um

²Disponível em: < http://www.pelotas.com.br/cidade_atracoes > Acesso em jul. 2014

determinado camarote do Sete de Abril – único teatro da cidade na época. Certa noite de apresentação, seu camarote foi vendido para outra pessoa, e todos os outros lugares estavam também ocupados. O coronel ficou tão furioso, que teria afirmado nunca mais pisar no Sete de Abril, complementando que construiria outra casa de espetáculos. Assim, formou a firma *Zambrano, Xavier & Santos*, que ergueu o teatro projetado pelo arquiteto Stanislaw Szafarki (SANTOS, 2007).

Figura 3 – Fachada do Theatro Guarany



Fonte: Página Oficial do Theatro Guarany³

4. CONCLUSÕES

Paris, Rio de Janeiro e Pelotas. Muitas comparações poderiam ser feitas entre essas três cidades: a primeira foi capital cultural do mundo no final do século XIX e início do XX; a segunda, a capital administrativa do Brasil na época; a terceira, uma cidade periférica que ascendeu como principal centro econômico e cultural da zona da campanha gaúcha. Nessa comunicação escolhemos discutir somente os teatros, como locais de lazer e entretenimento característicos da modernidade, manifestados nos três centros urbanos. Todas as edificações teatrais sinteticamente comentadas são próprias de uma nova mentalidade e de uma postura burguesa, que marcou a sociedade pós-industrial. As casas de espetáculo elencadas nesse artigo seguiram a mesma estética arquitetônica, o ecletismo. Atenderam às aspirações das classes dominantes em exteriorizar as maneiras ideais de comportamento, manifestadas pelos espectadores – na moda, nas posturas, no gosto pela cultura erudita – no ver e ser visto, que propiciavam as platéias das casas de espetáculo. Pelos valores históricos e estéticos que evidenciam as construções teatrais analisadas, as mesmas ascenderam à condição de patrimônio cultural.

³Disponível em: <<http://theatroguarany.blogspot.com.br>> Acesso em jul. 2014

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, C. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- CHARNEY, C. SCHWARTZ, R. V. **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- COSTA DIAS, L. **O Teatro e a Cidade: notas sobre uma origem comum**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Curso de Graduação em Filosofia, DEART/UFOP.
- ERMACOFF, George. **Theatro Municipal do Rio de Janeiro: 100 anos**. Rio de Janeiro: ERMACOFF, 2010.
- GUIMARÃES, S. CUNHA V. MARQUES M. **Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Revista MEMO**, Rio de Janeiro, v.1, n.6, p. 09-13, 2009.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MENEZES, M. A. **O Poeta Baudelaire e suas Máscaras**. 2010. Dissertação (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás.
- Moulin Rouge. **L'Histoire du Moulin Rouge**. Página Oficial do Moulin Rouge, Paris, 2013. Acessado em 17 jul. 2014. Online. Disponível em: <http://www.moulinrouge.fr/histoire>
- Opera Nacional de Paris. **Histoire de L'OnP**. Página Oficial da Opera Nacional de Paris, Paris, 2009. Acessado em 17 jul. 2014. Online. Disponível em: <https://www.operadeparis.fr/l-opera-de-paris/l-institution/histoire-de-l-onp>
- ORTIZ, R. **Cultura e Modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- RUBIRA, Luis (Org.) **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. Pelotas: Pallotti, 2014.
- SANTOS, Klécio. **O Teatro do Imperador**. Pelotas: Libretos, 2012.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e restauro) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.
- Theatro Guarany. **História**. Página Oficial do Theatro Guarany, Pelotas, 2011. Acessado em 17 jul. 2014. Online. Disponível em: <http://www.theatroguarany.blogspot.com.br/p/historia.html>